

A VOZ DA RAZÃO 1

Foi ter com ele de madrugada.

Entrou discreta e delicadamente, com pezinhos de lã, flutuando na sala como um espectro, um fantasma. O roçar da capa encapuçada na pele nua era o único ruído que acompanhava os seus gestos. No entanto, foi esse ínfimo som, quase inaudível, que despertou o bruxo, ou melhor, que o tirou da semi-sonolência que o embalava monotonamente. Encontrava-se como que num abismo insondável, suspenso entre o fundo e a superfície de um mar tranquilo, por entre talos de sargaços que ondulavam muito suavemente.

A jovem imobilizou-se completamente, sem mexer um dedo. Aproximou-se, despiu a capa e, lentamente, hesitando, dobrou um joelho e apoiou-o na beira da cama. Ele observava-a por entre as pálpebras abaixadas, fingindo estar ainda a dormir. A jovem trepou silenciosamente para o leito e pôs-se em cima dele, apertando-o com as coxas. Apoiando-se nos braços estendidos, aflorou-lhe o rosto com o seu cabelo, que exalava um odor a camomila. Determinada e como que impaciente, debruçou-se, acariciando-lhe as pálpebras, as faces, a boca, os mamilos. Ele sorriu e agarrou-lhe nos ombros num gesto muito lento, pleno de contenção e delicadeza. Ela soergueu-se, escapando aos dedos, radiosa, iluminada pela claridade brumosa da alvorada que lhe esbatia o brilho. Não o deixou mudar de posição quando ele se mexeu, pressionando-o firmemente com as mãos; com leves mas decididos movimentos de ancas, exigia uma resposta.

A resposta chegou. Deixou de recuar perante as mãos, inclinou a cabeça para trás, sacudiu o cabelo. Tinha uma pele fresca e espantosamente lisa. Os seus olhos, que ele viu quando ela aproximou o rosto do seu, eram grandes e sombrios como os de uma ondina.

Embalado, mergulhou num mar de camomila, cuja calma desapareceu para dar lugar ao rugido das vagas tempestuosas.

O BRUXO

I

Mais tarde disseram que ele chegara do Norte, pela porta dos Cordoeiros. Ia a pé, levando pela rédea o cavalo carregado de bagagens. Era tarde avançada, cordoeiros e albardeiros já tinham fechado as suas quitandas, a ruela estava deserta. Apesar do calor, o homem trazia um manto preto pelos ombros. Atraía as atenções.

Parou diante do Albergue O Velho Narakort, onde se quedou alguns minutos, escutando o zunzum das conversas. Como era costume àquela hora, o albergue estava apinhado de gente.

O desconhecido não entrou. Afastou-se com o cavalo, levando-o para a parte baixa da rua, onde havia outra taberna, mais pequena, A Raposa. Esta estava praticamente vazia. Não tinha boa reputação.

O patrão ergueu a cabeça da pipa onde conservava os pepinos de escabeche, para perscrutar o cliente. O estrangeiro, que não tirara o manto, estava especado diante do balcão; hirto, imóvel, não dizia nada.

— Que deseja?

— Uma cerveja — respondeu o desconhecido. Tinha uma voz desagradável. O taberneiro enxugou as mãos no avental de tela e encheu uma caneca de grés. Estava rachada.

O desconhecido não era velho, mas os seus cabelos eram praticamente brancos. Debaixo do manto trazia um gibão de couro coçado, abotoado na gola e nas mangas. Quando tirou o manto, todos puderam ver a espada que trazia nas costas, presa à cintura. Não havia nada

de surpreendente no facto de possuir uma arma, pois quase todos andavam armados em Vizima. Contudo, ninguém trazia a espada pendurada às costas como um arco ou uma aljava.

O desconhecido não foi sentar-se a nenhuma mesa, no meio dos raros clientes. Permaneceu ao balcão, observando o taberneiro. Bebeu um trago de cerveja.

— Procuo um quarto para a noite.

— Não temos — resmungou o taberneiro, olhando para as botas sujas e poeirentas do cliente. — Dirija-se ao Velho Narakort.

— Preferia aqui.

— Aqui não há quartos.

O dono do estabelecimento identificou finalmente o sotaque do desconhecido: era um riviano.

— Eu pago — disse o estrangeiro em voz baixa, como se hesitasse.

Foi nessa altura que começou esta história horrível. Um indivíduo grosseiro, de expressão patibular e rosto marcado pelas bexigas, levantou-se e aproximou-se do balcão. Não deixara de fitar o estrangeiro desde que este entrara no estabelecimento. Os seus dois companheiros colocaram-se atrás dele, quanto muito a dois passos de distância.

— Aqui não há lugar para ti, vadio, vagabundo de Rivia — soprou o bexigoso, chegando-se muito perto do desconhecido. — Não precisamos de tipos da tua laia por estas bandas. Vizima é uma cidade de gente de bem!

O desconhecido pegou na sua caneca e afastou-se. Olhou para o taberneiro, mas este evitou cruzar o olhar. Não tinha a menor intenção de defender o estrangeiro. Afinal, quem gostava dos Rivianos?

— Todos os rivianos são ladrões — prosseguiu o bexigoso, que fedia a cerveja, alho e malvadez. — Estás a ouvir-me, espécie de pavão nocturno?

— Não pode, tem os ouvidos cheios de trampa — proferiu um dos seus acólitos, o que provocou risinhos de escárnio no outro.

— Paga e põe-te a andar! — berrou o bexigoso.

Só então o desconhecido olhou para ele.

— Ainda não acabei de beber a minha cerveja.

— Vamos dar-te uma ajudinha — guinchou o gabiru.

O homem atirou fora a caneca que o riviano segurava e depois agarrou-lhe no ombro, deslizando os dedos sob o boldrié que lhe atravessava o peito. Um dos seus companheiros ergueu o punho, pronto a desferir um murro. O estrangeiro contorceu-se como um verme e

desequilíbrio o bexigoso. Desembainhou a espada que assobiou ao sair da bainha, emitindo um breve brilho à luz das lanternas. Foi a confusão geral. Ouviram-se gritos. Um dos clientes correu para a saída. Uma cadeira derrubada desfez-se com estrondo, canecas de grés caíram no soalho com um ruído abafado. De lábios trémulos, o taberneiro contemplava o crânio do bexigoso, horrivelmente esfacelado; dedos agarrados ao balcão, este estatelava-se, sumindo-se-lhe da vista como se estivesse a afogar-se. Os outros dois jaziam no sobrado; um, inerte, e o outro contorcendo-se convulsivamente no meio de uma poça escura que aumentava a olhos vistos. Um grito feminino agudo, histérico, de rebentar os tímpanos, vibrou no ar. O patrão da taberna soltou um soluço e começou a vomitar.

O estrangeiro recuou contra a parede, curvado, crispado, alerta. Segurando a espada com ambas as mãos, fustigava o ar movimentando a ponta da lâmina. Ninguém se mexia. O terror cobria os rostos como lama gelada, paralisava os membros, obstruía as gargantas.

Três guardas irromperam taberna adentro, com grande alarido. Deviam estar nas proximidades. Seguravam nos seus cacetes, prontos a entrar em acção, mas desembainharam as espadas logo que viram os cadáveres. O riviano encostou-se à parede; com a mão esquerda, puxou de um punhal que trazia na bota.

— Larga isso! — berrou um dos guardas, com voz trémula.
— Larga isso, bandido! E vem connosco!

Um segundo guarda desferiu um pontapé numa mesa que o impedia de alcançar o riviano pelo flanco.

— Treska, corre a buscar reforços! — berrou ao terceiro, que ficara junto da porta.

— É inútil — disse o desconhecido, baixando a sua espada. — Irei por mim mesmo.

— Vais seguir-nos, espécie de cachorro, e atado a uma trela! — gritou o guarda, sempre a tremer. — Larga a tua espada, senão racho-te a cabeça!

O riviano endireitou-se. Apoderou-se lestantemente de uma adaga dissimulada na sua axila esquerda e, estendendo o braço direito na direcção dos guardas, traçou no ar um sinal rápido e complicado. Viu-se então o brilho dos picos de aço que guarneciam generosamente os punhos do seu gibão de cabedal, subindo até ao cotovelo.

Os guardas recuaram imediatamente, protegendo o rosto com os antebraços. Um cliente pulou do assento, outro escapuliu-se para o exterior. A mulher soltou um novo grito, selvagem, aterrador.

— Irei por mim mesmo — repetiu o desconhecido, com uma voz sonora, metálica. — Caminhem à minha frente. Levem-me ao burgrave. Não conheço o caminho.

— Sim, senhor — tartamudeou um dos guardas, com ar atarantado.

Avançou para a porta, lançando olhares inquietos à sua volta. Os outros dois seguiram-no precipitadamente, às arrecuas. O desconhecido imitou-os, voltando a colocar a espada no forro e o punhal na bota. Enquanto passavam pelas mesas, os clientes escondiam a cabeça nas roupas.

II

Velerad, o burgrave de Vizima, coçou o queixo, pensativo. Não era supersticioso nem medroso, mas a ideia de ter de ficar frente a frente com o homem de cabelos brancos não lhe agradava nada. Acabou por decidir-se.

— Saiam! — ordenou aos guardas. — E tu, senta-te! Aqui, não; ali, se não te importas.

O desconhecido sentou-se. Já não trazia manto nem espada.

— Escuto-te — disse Velerad, brincando com o pesado ceptro pousado na sua secretária. — Chamo-me Velerad, e sou o burgrave de Vizima. Senhor salteador, que tens para me dizer antes de eu te atirar para a masmorra? Três homens mortos e uma tentativa de enfeitiçamento! Não estás com meias-medidas! Aqui em Vizima, esses crimes são punidos com o empalamento! Mas como sou um homem justo, vou começar por te ouvir. Fala!

O riviano desabotoou o gibão e tirou um pergaminho branco da gola.

— Este apelo está pregado nas encruzilhadas, nas tabernas, em toda a parte — explicou, de mansinho. — É verdade o que traz escrito?

— Ah, então é isso! — exclamou Velerad, olhando para as runas gravadas na pele de cabra. — Como não pensei nisso mais cedo? Sim, é absolutamente verdade, tudo o que há de mais verdadeiro. Este apelo está assinado pelo rei Foltest, senhor de Temeria, Pontar e Mahakam. Portanto, é verdadeiro. Mas um apelo é uma coisa e a lei é outra. Aqui, em Vizima, sou eu que faço respeitar a ordem e a lei! E não permiti-rei que matem pessoas. Entendeste-me?

O riviano aquiesceu com um sinal da cabeça.

— Tens a tua insígnia de bruxo? — perguntou Velerad, bufando de cólera.

O desconhecido tornou a levar a mão à gola do gibão e mostrou um medalhão redondo, suspenso ao pescoço por um curto fio de prata. Nele estava gravada uma cabeça de lobo, com as presas de fora.

— Como te chamam? Não és obrigado a revelar-me o teu verdadeiro nome. Não é para satisfazer a minha curiosidade, mas para facilitar a conversa.

— Chamo-me Geralt.

— Muito bem. E, a julgar pelo teu sotaque, vens de Rivia?

— Venho.

— Bom. Sabes uma coisa, Geralt? Desiste! — Velerad deu umas pancadinhas na folha de apelo com a palma da mão. — É um caso sério. Muitos já tentaram. Meu caro irmão, isto é outra monta: não se trata de dar uma tarefa nalguns valdevinos.

— Bem sei. É o meu ofício, burgrave. Está escrito no apelo que há uma recompensa de três mil oren.

— Três mil, sim... — Velerad teve um trejeito de desdém. — E, também, segundo os rumores, a mão da princesa, mesmo que Sua Graciosa Majestade nada tenha escrito sobre o assunto.

— A princesa não me interessa — disse tranquilamente Geralt, impassível, mãos pousadas nos joelhos. — Está escrito «três mil».

— Mas que época! — suspirou o burgrave. — Que época mais podre! Quem teria pensado, ainda há vinte anos, mesmo estando embriagado, que um dia existiriam profissões como a de bruxo?! Os bruxos! Esses matadores ambulantes de basiliscos, esses vencedores ambulantes de dragões e vodianoi! Geralt, na tua guilda tens o direito de beber?

— Claro.

Velerad bateu palmas.

— Tragam cerveja! — ordenou. — E tu, Geralt, aproxima-te! Pouco me importa o que dirão!

A cerveja era fresca e espumosa.

— Esta é uma época podre — monologava Velerad, beberricando a sua cerveja. — Pulula por aí todo o tipo de escória. As montanhas de Mahakam estão infestadas de papões... Ao menos, nas florestas de outrora havia lobos que uivavam; agora, só existem vampiros e trasgos; onde quer que cuspas, deparas com um lobisomem ou uma peste do mesmo género. Nos campos, as ondinas e as carpideiras raptam as crianças, já se fala em centenas. Aparecem doenças de que nunca ninguém ouviu falar e que nos põem os cabelos em pé! E para completar

o quadro, agora temos isto! — exclamou, afastando o pergaminho pousado na secretária. — Não é de espantar, Geralt, que façam tantas vezes apelo aos vossos préstimos!

— É um apelo do rei, burgrave. — Geralt endireitou a cabeça. — Podes dar-me pormenores?

Velerad recostou-se na cadeira e cruzou as mãos na barriga.

— Pormenores? Sim, posso. Não são informações em primeira mão, mas são de boa fonte.

— É precisamente isso que me interessa.

— Tens seguimento nas ideias. Como queiras. Ora ouve!

Velerad bebeu um trago de cerveja e, baixando a voz, prosseguiu:

— Quando Sua Graciosa Majestade Foltest era ainda príncipe herdeiro sob o reinado do pai, o velho Medell, já mostrara do que era capaz, isto é, do pior. Julgávamos que lhe passasse com a idade. Ora, mal foi coroado logo após a morte do velho soberano, Foltest ultrapassou-se de tal modo a si mesmo que ficámos abismados. Resumindo: digamos que chegou ao ponto de fazer um filho à própria irmã, Adda. Era a sua irmã mais nova e eles eram inseparáveis, mas ninguém suspeitava de nada. Enfim, talvez a rainha... Em suma, eis que se descobre que Adda está prenhe e Foltest começa a falar em casamento! Com a irmã! Imaginas uma coisa destas, Geralt? A situação era então diabolicamente tensa. Vizimir de Novigrad, que decidira dar a mão da sua filha Dalka a Foltest, tinha enviado uma embaixada. Tivemos a maior dificuldade para impedir o rei de correr ao encontro dos emissários para os insultar, agarrando-o pelos braços e pelas pernas. Felizmente conseguimos, senão Vizimir ter-nos-ia certamente estripado para se vingar da afronta. Depois, graças à ajuda de Adda, que influenciou o seu querido irmão, conseguimos também dissuadi-lo de se casar precipitadamente. Ela deu à luz passado o prazo normal, e de que maneira! Agora, ouve-me bem, pois é aqui que o caso principia: não houve muita gente que tivesse visto o bebé. Mas uma das duas parteiras atirou-se pela janela do torreão. Quanto à outra, teve um ataque de loucura e ensandeceu definitivamente. Por conseguinte, disse para comigo que esse régio bastardo não devia ser coisa bonita de ver. Era uma menina. Aliás, morreu imediatamente; parece que ninguém se apressou a dar o nó no cordão umbilical. Felizmente para ela, Adda morreu no trabalho de parto. Em seguida, meu irmão, Foltest armou-se em parvo pela enésima vez. Em vez de ter guardado a bastarda num sarcófago, nos subterrâneos do palácio, devia tê-la incinerado ou, sei lá, enterrado algures num lugar perdido.

— Agora não serve de nada epilogar. — Geralt ergueu a cabeça.
— De qualquer modo, deviam ter chamado um Letrado.

— Referes-te a esses aventos com estrelas no chapéu? Claro que os chamámos! Acorreu uma dezena. Mas só os chamámos depois de termos descoberto que a «coisa» saía à noite do seu sarcófago. Não aconteceu logo, longe disso! Durante os sete anos que se seguiram ao seu enterro, conhecemos a paz. Mas numa noite de lua cheia ouvimos uma enorme barulheira no castelo, gritos, uma confusão indescritível! Não vale a pena contar-te, são coisas que conheces e, além disso, leste o apelo. O bebé crescera no seu caixão, crescera muito, tal como os seus dentes, bem acerados. Numa palavra: transformara-se numa estrige. É pena que não tenhas visto os cadáveres como eu os vi. Terias feito um grande desvio para evitar Vizima.

Geralt escutava-o sem tugar nem mugir.

— Então, como já te disse, Foltest reuniu toda uma matilha de feiticeiros — prosseguiu Velerad. — Era ver qual deles gritava mais alto; pouco faltou para que desatassem todos à pancada ou recorressem às varas com que estão armados, certamente para afastar os cães que largam sobre eles, o que penso que não deve deixar de acontecer regularmente. Desculpa-me, Geralt, se não partilhas a minha opinião sobre os magos; dada a tua profissão, deves vê-los com outros olhos, mas para mim eles não passam de seres preguiçosos e imbecis. Vós, os bruxos, inspirais mais confiança. Sois, como direi?, mais concretos.

Geralt sorriu, sem tecer comentários.

— Bom, voltemos à nossa história. — Depois de olhar para a caneca, o burgrave voltou a enchê-la de cerveja, bem como à do riviano. — Os conselhos de alguns feiticeiros não pareciam nada tolos. Um deles propunha incendiar o castelo, pelo que o sarcófago e a estrige teriam ardido. Outro aconselhou que lhe cortassem a cabeça com uma enxada. Outros propuseram espetar-lhe espichos de choupo nas diferentes partes do corpo, em pleno dia, claro, quando a diaba dormia no seu caixão, esgotada pelos festins nocturnos. Infelizmente houve também um bufão, um eremita corcunda com um boné pontiagudo que lhe descaía do crânio glabro, que achou por bem inventar que a criança fora enfeitiçada e que era possível romper o feitiço; depois, a estrige tornaria a ser a menina dos olhos de Foltest; para isso, bastava passar uma noite na cripta e o sortilégio seria quebrado. Em seguida (imagina como era desmiolado, Geralt...) foi passar a noite no solar. Como deves calcular, não sobrou grande coisa dele: julgo que apenas o boné e a vara. Mas Foltest agarrou-se a esta ideia

como uma rosa silvestre à cauda de um cão. Proibiu qualquer tentativa de matar a estrige e convocou a Vizima charlatões dos cantos mais recônditos do país, para quebrarem o feitiço lançado sobre a princesa. Era preciso vê-los! Que bando mais pitoresco! Mulheres que eram autênticos abortos, coxos, tão sujos, meu irmão, tão piolhentos, que metia dó. E vai de lançar um feitiço aqui, outro acolá, de preferência diante de um prato de sopa ou de uma caneca de cerveja. Evidentemente, vários de entre eles foram rapidamente desmascarados por Foltest ou pelo conselho; alguns foram até condenados ao pelourinho, mas as condenações não foram suficientes. Se fosse comigo, tê-los-ia enforcado a todos. Entretanto, a estrige continuava a dilacerar com os seus belos dentes todos os que lhe apareciam pela frente, sem qualquer escrúpulo, desprezando os escroques e as suas fórmulas mágicas, escusado será dizê-lo. Também é escusado dizer-te que Foltest, ou quem quer que fosse, deixara de morar no castelo.

Velerad calou-se, esvaziou a caneca. O bruxo continuava calado.

— Geralt, isto dura há seis anos, pois a «coisa» nasceu há aproximadamente catorze. Entretanto, tivemos outras preocupações, lutámos contra Vizimir de Novigrad por motivos sérios e compreensíveis (um caso de marcos de delimitação que queríamos deslocar) e não por histórias de raparigas ou por laços de parentesco. Diga-se entre parênteses que nessa altura Foltest começa finalmente a encarar vagamente a hipótese de se casar e examina os retratos que lhe são enviados pelas cortes vizinhas, ao passo que até então tinha o hábito de os atirar para as latrinas. Mas a sua mania regressa de vez em quando: então envia homens a cavalo em busca de novos feiticeiros. Além disso, prometeu essa recompensa de três mil oren, pelo que surgiram alguns maluquinhos, cavaleiros errantes, até um pastor, um inocente conhecido em toda a região. Paz à sua alma. Quanto à estrige, vai muito bem. Devora apenas de vez em quando. Habi-tuámo-nos. O que há de positivo com os heróis que pretendem quebrar o seu feitiço é que pelo menos saciam a besta no local, pelo que esta não tem de sair do solar. E Foltest possui um novo castelo, verdadeiramente belo.

— Durante esses seis anos... — Geralt ergueu a cabeça. — Durante esses seis anos, ninguém conseguiu resolver o caso?

— Pois bem, não! — Velerad fitou o bruxo com um olhar perscrutador. — Temos de concluir que é impossível e ele terá de se resignar. Refiro-me a Foltest, Sua Graciosa Majestade, o nosso soberano bem-amado, que continua a pregar os seus apelos nas encruzi-

lhadas. Porém, os voluntários tornam-se cada vez mais raros. Recentemente apareceu um, mas queria que lhe pagassem a soma antecipadamente. Enfiaram-no num saco e atiraram-no para um lago.

— Escroques é coisa que não falta.

— É verdade. Há até muitos — aprovou o burgrave, sem deixar de fitar o bruxo. — Por isso, quando te dirigires ao palácio, não peças o ouro adiantadamente. Se é que contas lá ir...

— Irei.

— Pois bem, isso é contigo! Contudo, não te esqueças do meu conselho. E visto que falamos de recompensa, nestes últimos tempos fala-se novamente da sua outra parte, aquela que evoquei há pouco, isto é, a mão da princesa. Não sei quem inventou isso, mas se a estrige se parece com o que dela se diz, a piada é particularmente macabra. Apesar de tudo não faltaram imbecis para galoparem até ao solar assim que se espalhou o rumor de que era uma oportunidade para ingressar na família real. Mais concretamente, tratava-se de dois sapateiros. Porque são tão parvos os sapateiros, Geralt?

— Não sei. E bruxos, burgrave? Não apareceram?

— Vários, e de que maneira! Geralmente, quando lhes explicavam que era só preciso quebrar o feitiço lançado sobre a estrige, e não matá-la, encolhiam os ombros e pegavam de volta nas bagagens. Assim aumentaram na minha estima, Geralt. Depois deles, chegou ainda outro, mais novo que tu. Não me lembro como se chamava, se é que chegou a dizer-me o seu nome. Ele tentou.

— E então?

— A princesa de dentes afiados dispersou as suas tripas por uma longa distância, equivalente a metade do trajecto de uma flecha!

Geralt inclinou a cabeça.

— Não vieram outros?

— Sim, ainda houve outro.

Velerad calou-se por um momento. O bruxo não o apressava.

— Sim, ainda houve outro — acabou por repetir o burgrave.

— A princípio, quando Foltest o ameaçou com o cadafalso caso matasse ou ferisse a estrige, desatou a rir e fez as malas. Mas, por fim, hum...

Velerad tornou a baixar a voz, quase num murmúrio, inclinado sobre a mesa.

— ... por fim, acabou por aceitar. Sabes, Geralt, aqui, em Vizima, há algumas pessoas inteligentes, até bem colocadas, que estão fartas desta história. Corre o boato que persuadiram discretamente o bruxo

para que matasse a estrige sem cerimónia e sem perder tempo a lançar feitiços; bastar-lhe-ia dizer ao rei que o seu feitiço não funcionara, que a jovem caíra nas escadas, em suma, que ocorrera um acidente durante a operação. Claro que o rei ficaria furioso e não lhe daria um só oren de recompensa, mas o caso não iria mais longe. O patife retorquiu que se era para matar a estrige de graça, que a matássemos nós próprios. Pois bem, não tivemos por onde escolher... Cotizámo-nos, negociámos... Excepto que de nada serviu...

Geralt franziu o sobrolho.

— De nada, digo-te eu — declarou Velerad. — O bruxo não quis deslocar-se ao solar logo na primeira noite. Preferiu contemporizar, espreitar, rondar pelo local. Segundo dizem, acabou por ver a estrige, provavelmente em plena acção, porque a besta nunca sai da cripta só para desentorpecer as pernas. Desandou na mesma noite. Sem se despedir.

Geralt teve um ligeiro trejeito que se devia certamente interpretar como um sorriso.

— Essas pessoas inteligentes guardaram certamente o seu dinheiro — disse. — Os bruxos não cobram adiantadamente.

— Claro que guardaram.

— O rumor público não menciona a soma?

Velerad exibiu um largo sorriso.

— Alguns falam em oitocentos...

Geralt abanou a cabeça em sinal de denegação.

— Outros falam em mil — murmurou o burgrave, entre os dentes.

— Não é muito, se pensarmos que o rumor tem tendência a exagerar tudo. Afinal de contas, o rei oferece três mil.

— Não te esqueças da princesa! — escarneceu Velerad. — Mas de que estamos a falar? Sabemos que não obterás esses três mil.

— Como sabem?

Velerad desferiu um bom murro na mesa.

— Geralt, não manches a imagem que tenho dos bruxos! Este caso já dura há mais de seis anos! A estrige dá cabo de quase cinquenta pessoas por ano, mesmo havendo menos vítimas actualmente, pois mais ninguém se aproxima do castelo. Não, meu irmão, eu acredito nos feitiços, já vi muitas coisas e é claro que confio, até certo ponto, nos poderes dos magos e dos bruxos. Mas o rompimento desse feitiço é uma inépcia que germinou na cabeça de um velho corcunda ranhoso e embrutecido pela sua pitança de eremita. É um disparate no qual mais

ninguém acredita, a não ser Foltest. Não, Geralt! Adda deu à luz uma estrige porque dormiu com o irmão, essa é a verdade e contra isso não há sortilégio que valha. A estrige devora seres humanos, como todas as estriges, e é preciso matá-la de forma normal e simples. Escuta: há dois anos, um grupo de camponeses de um buraco perdido de Mahakam, munidos de cavilhas de ferro, foram massacrar um dragão que lhes comia todas as ovelhas e nem acharam útil gabarem-se do facto. Entretanto, nós, aqui, em Vizima, esperamos por um milagre e a cada lua cheia barricamo-nos atrás das nossas portas e atamos criminosos a uma estaca diante do solar esperando que a besta regresse ao seu caixão uma vez saciada.

— Não está mal achado — disse o bruxo, com um sorriso. — A criminalidade diminuiu?

— De modo algum.

— Qual é o caminho que devo tomar para chegar ao castelo novo?

— Conduzir-te-ei pessoalmente. Que pensas de uma proposta da parte das pessoas inteligentes?

— Burgrave, para quê apressar-se? Em primeiro lugar, pode realmente ocorrer um acidente durante a operação, independentemente das minhas intenções. Nesse caso, essas pessoas inteligentes deveriam perguntar-se como me proteger da cólera do rei e preparar os mil e quinhentos oren de que fala o rumor público.

— Falámos em mil.

— Não, senhor Velerad — disse o bruxo num tom que não admitia réplica. — O homem a quem deram mil oren deu às de vila-diogo logo que viu a estrige. Isso significa que o risco é superior a mil oren. Será superior a mil e quinhentos? É o que veremos. É claro que me despedirei antes de me ir embora.

Velerad coçou a cabeça.

— Mil e duzentos, Geralt?

— Não, burgrave. Não é um trabalho fácil. O rei oferece três mil. E devo dizer que por vezes é mais fácil quebrar um feitiço do que matar. Se fosse assim tão simples, entre aqueles que me precederam teria havido certamente alguém que teria acabado por matar a estrige. Julgam que eles se deixaram devorar só porque tinham medo do rei?

— De acordo, irmão. — Velerad abanou a cabeça com ar melancólico. — Porém, dou-te um conselho de amigo: não digas nem uma palavra ao rei sobre a possibilidade de um eventual acidente durante a operação!